

OS VELHOS

Comédia em 3 actos de D. JOÃO DA CÂMARA. Publicada em 1893 (várias reedições).

Representada pela primeira vez no Teatro Nacional em 14 de Março de 1893.

[...]

Duas cenas: um quarto muito caiado em casa de Manuel Patacas (1.º e 3.º actos); a azenha do Patacas, vendo-se ao longe as obras do caminho de ferro (2.º acto). Acção em Santo António das Areias (Alto-Alentejo), 1878-1879.

Em casa do lavrador Manuel Patacas, os «velhos» da aldeia – o prior cego, o mestre-escola Porfírio, o Bento barbeiro – discutem acaloradamente o acontecimento que veio perturbar o ritmo tranquilo dos seus dias: os trabalhos de construção da linha férrea que irá trazer «a Besta do Apocalipse a vomitar lume por esses campos agora tão quietinhos», na linguagem bíblica do prior. Cada um dos velhos enumera os prejuízos que a expropriação das suas terras irá causar-lhes: o vinho, as cerejas, os melões que deixarão de poder colher. Mas a personalidade aliciante, o poder de simpatia e persuasão de Júlio, o jovem engenheiro geólogo encarregado de proceder aos trabalhos de instalação do caminho de ferro, acabam por conquistá-los. A tal ponto que o Bento barbeiro, cujos terrenos não são abrangidos nas expropriações, protesta indignado... Entretanto cai a noite. Manuel Patacas convida Júlio a dormir em sua casa, o que ele aceita. Enquanto vai prevenir os colegas, Emília, mulher de Patacas, sua irmã Ana e a neta Emilinha, órfã de pais, amassam o pão; Ana conta uma vez mais a história do Príncipe de Damasco, que um dia bateu à porta de uma cabana onde estava a mais bela princesa do mundo. Nesse preciso instante batem a porta. «É talvez o sr. prior», diz Ana, «ou talvez o príncipe de Damasco», diz Emilinha rindo, e vai abrir a porta com uma vénia: «Faz favor de entrar, sr. príncipe»... Perante a surpresa geral, é Júlio que aparece no limiar. Com o tempo, a atração dos dois jovens aumenta, torna-se mais forte, perante o enlevo dos velhos, à excepção do prior, que aspirava a casar Emilinha com o sobrinho, o que ela recusa. Mas Júlio é promovido e colocado noutra extremo do país. Hesita em aceitar. É o prior que o convence a partir, com o argumento de que, sendo pobre, deve antes de mais nada afastar a suspeita de que na base do seu amor por Emilinha está o interesse. O ordenado que vai ganhar permitir-lhe-á apresentar-se mais tarde em pé de igualdade. Convencido, Júlio parte, sem coragem para se despedir de Emilinha e dos velhos. Seis meses depois, durante a ceia em que se festejam os cinquenta anos de casados de Emília e Patacas, os velhos evocam o passado, contam as suas histórias, jogam-se remoques, e Emilinha sonha... Mas o regresso de Júlio irá tornar o sonho em realidade. «Os tempos correm, os tempos são outros», comenta Emília. A neta dos velhos casará com «um homem do caminho de ferro».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 266-267.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.